




C A P Í T U L O 3

ESTÉTICA DA RECEPÇÃO EM *WUTHERING HEIGHTS*: Perspectivas Decoloniais nos Diálogos entre o Gótico e o Romântico

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.673112610023>

Evandro Rosa de Araújo (UEG)

Professor da Universidade Estadual de Goiás (UEG) e doutor em Estudos Linguísticos pelo Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal de Goiás (UFG)

Resumo: Este artigo analisa *Wuthering Heights*, de Emily Brontë, a partir da Estética da Recepção, discutindo sua aplicação no contexto escolar. A investigação destaca o diálogo entre elementos românticos e góticos e sua relevância para a formação crítica dos leitores. A fundamentação teórica articula Jauss (1994), Iser (2000), Mignolo (2003), Quijano (2000), Moisés (2000), entre outros, relacionando teoria da recepção e crítica literária. Sob uma ótica decolonial, problematiza-se a canonização da obra e os horizontes de expectativas moldados por matrizes eurocêntricas. Trata-se de pesquisa bibliográfica que observa diferentes contextos de leitura e ensino, demonstrando que a Estética da Recepção, em diálogo com perspectivas decoloniais, favorece múltiplas interpretações, amplia o interesse pelo romance e permite questionar hierarquias culturais e epistemológicas.

Palavras-chave: Estética da Recepção; Romantismo; Gótico; Ensino; Decolonialidade.

RECEPTION AESTHETICS IN *WUTHERING HEIGHTS*: Decolonial Perspectives on the Dialogues between the Gothic and the Romantic

Abstract: This article analyzes Emily Brontë's *Wuthering Heights* through Reception Aesthetics, focusing on its use in school contexts. The study highlights the interplay between Romantic and Gothic elements and their relevance for readers' critical formation. The theoretical framework draws on Jauss (1994), Iser (2000), Mignolo (2003), Quijano (2000), Moisés (2000), among others, combining reception theory and literary criticism. From a decolonial perspective, the research problematizes the canonization of the novel and the horizons of expectation shaped by Eurocentric matrices. As a bibliographic study, it examines different contexts of reading and

teaching, showing that Reception Aesthetics, combined with decolonial approaches, fosters multiple interpretations, increases student engagement, and opens space to question cultural and epistemological hierarchies.

Keywords: Reception Aesthetics; Romanticism; Gothic; Teaching; Decoloniality.

INTRODUÇÃO

Conforme observa Heilbrun (1979), *Wuthering Heights*, publicado em 1847 sob o pseudônimo Ellis Bell, permanece como uma das obras mais enigmáticas do cânone literário inglês. Emily Brontë, nascida em 1818 em Thornton, Yorkshire, viveu uma existência marcada pelo isolamento e pela intensidade criativa compartilhada com suas irmãs Charlotte e Anne. Filha de um pastor anglicano, cresceu em Haworth, cercada por paisagens agrestes que ecoam na atmosfera sombria de sua obra.

As primeiras traduções de *Wuthering Heights* no Brasil marcaram o cenário literário nacional, revelando a intensidade da obra de Emily Brontë ao público lusófono. A pioneira foi realizada por Oscar Mendes, publicada pela Livraria do Globo em 1938, com o título consagrado *O Morro dos Ventos Uivantes*. Essa versão se tornou referência por décadas, sendo reeditada em coleções como Obras-Primas da Literatura da Abril Cultural. Outras traduções surgiram posteriormente, sempre mantendo o título *O Morro dos Ventos Uivantes*, e contribuíram para ampliar o acesso ao romance entre diferentes gerações de leitores brasileiros.

Essas edições ajudaram a consolidar *Wuthering Heights* como um clássico no Brasil, influenciando estudos acadêmicos, adaptações e novas publicações que mantêm viva a força da obra de Emily Brontë.

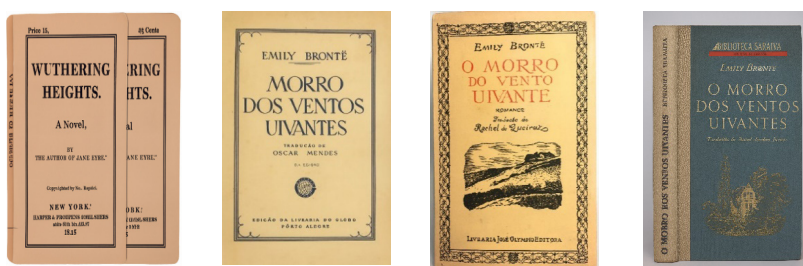


Figura 1 – Fotografias das capas da primeira edição de *Wuthering Heights* e das primeiras traduções publicadas no Brasil.

Fonte: Google Imagens

Apesar de sua vida breve, faleceu em 1848, aos 30 anos, Brontë deixou um legado singular, desafiando convenções literárias e sociais de sua época. Esse contexto de reclusão e marginalidade, em que sua própria voz feminina precisou ser disfarçada

sob um pseudônimo masculino, dialoga com a condição de Heathcliff, cuja presença é constantemente rejeitada e deslocada para os limites da casa dos Earnshaw.

Ao mobilizar reflexões decoloniais como as de Mignolo (2003), Quijano (2000), Grosfoguel (2008), Walsh (2009) e Araújo, Tiraboschi e Figueiredo (2022), torna-se possível problematizar o estatuto de “cânone” e compreender como a narrativa singular de Emily Brontë tensiona classificações rígidas que sustentam hierarquias culturais. Essa dimensão aparece no fragmento em que Heathcliff é relegado a um espaço marginal na casa dos Earnshaw: “They entirely refused to have him in bed with them, or even in the same room; and I had no more sense, so I put him on the landing of the stairs, hoping it might be better than the kitchen.” (Brontë, 1847, p. 37).

Ao articular elementos do romance gótico, atmosferas sombrias, personagens atormentados e presença do sobrenatural, e traços do romantismo, subjetividade, natureza e paixões humanas, a obra dialoga com tradições estéticas europeias e, conforme Grosfoguel (2008), Walsh (2009) e Araújo, Tiraboschi e Figueiredo (2022), evidencia fissuras nos discursos hegemônicos que definem o “universal” literário. Essa tensão estética revela a potência de uma escrita que desestabiliza fronteiras disciplinares e culturais, abrindo espaço para leituras plurais e contestatórias.

Nos termos de Mignolo (2003) e Quijano (2000), é justamente nesse entre-lugar, marcado por ambivalências e recepções controversas, que reside sua singularidade: um texto que, ao mesmo tempo em que participa da tradição ocidental, questiona seus limites e exclusões. Tal perspectiva pode ser ilustrada no fragmento: “*I was awakened by a cry in the night. I opened my eyes, and it was not the candle that had awakened me, but a hand: the fingers of a little, ice-cold hand, that grasped mine, and a voice sobbed, ‘Let me in—let me in!’*” (Brontë, 1847, p. 25).

À luz da Estética da Recepção, formulada por Jauss (1994) e Iser (1996), compreende-se que diferentes horizontes de expectativa moldaram a leitura de *Wuthering Heights* desde sua publicação. Contudo, ao incorporar perspectivas decoloniais, torna-se imprescindível problematizar como tais horizontes foram historicamente constituídos por matrizes eurocêntricas que delimitam o que se reconhece como “literatura universal”. Nesse sentido, como afirma Calvino (1991), “Um clássico é um livro que nunca terminou de dizer aquilo que tinha para dizer” (p. 11). O romance de Emily Brontë, inicialmente recebido com estranhamento pela crítica vitoriana, foi posteriormente canonizado como clássico, reinterpretado por diversas correntes críticas e adaptado em múltiplas linguagens culturais. Esse movimento de rejeição seguido de consagração inscreve-se em um processo mais amplo de legitimação que, ao consolidar hierarquias, invisibiliza outras epistemologias e narrativas.

Seguindo Khaski (2018), este artigo propõe analisar como *Wuthering Heights* se situa entre o gótico e o romântico, explorando não apenas o diálogo e a tensão entre essas dimensões estéticas, mas também como sua recepção crítica e cultural ao longo dos séculos XIX, XX e XXI revela disputas de poder simbólico. A obra, ao ser continuamente reinterpretada, expõe tanto a riqueza de sentidos que emergem da interação entre texto e leitor quanto os limites de um cânone que se pretende universal, mas que pode ser desestabilizado quando lido a partir de perspectivas plurais e contestatórias.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A Estética da Recepção, desenvolvida por Hans Robert Jauss e Wolfgang Iser, constitui uma das principais contribuições da teoria literária do século XX, ao deslocar o foco da análise do texto para a interação entre obra e leitor (Araújo, Figueiredo e Lago, 2023; Araújo, 2024; Jauss, 1999). O conceito de horizonte de expectativas, formulado por Jauss, refere-se ao conjunto de valores e experiências que orientam a leitura em determinado momento histórico.

Sob uma perspectiva decolonial, conforme Mignolo (2023), Lugones (2008), Grosfoguel (2008), Walsh (2009) e Quijano (2000), esse conceito pode ser problematizado, já que tais horizontes foram historicamente configurados por matrizes eurocêntricas que definem os critérios de legitimação literária. Como afirma Quijano (2000, p. 533), “a colonialidade do poder organiza não apenas a exploração econômica, mas também a produção de subjetividades e saberes, determinando quais vozes são legitimadas e quais permanecem silenciadas.”

Assim, a obra literária não deve ser entendida apenas como produto estético que confronta ou confirma horizontes de expectativa, mas também como parte de disputas de poder simbólico que regulam quais leituras são reconhecidas e quais são marginalizadas. Iser, ao enfatizar os lugares de indeterminação e o papel ativo do leitor, abre espaço para pensar como diferentes comunidades interpretativas, situadas em contextos diversos, podem preencher essas lacunas de modos plurais. Grosfoguel (2008) reforça que o sistema-mundo moderno/colonial envolve hierarquias epistêmicas que definem quem pode falar e quem deve ser silenciado, enquanto Walsh (2009) destaca que práticas culturais e discursivas estão atravessadas por relações de poder que marginalizam sujeitos subalternizados.

A recepção inicial de *Wuthering Heights* (1847) exemplifica essas tensões. A crítica vitoriana, moldada por expectativas moralizantes e lineares, reagiu com estranhamento diante da fragmentação narrativa e da intensidade emocional da obra. Mendes (1983) observa que o romance foi classificado como “selvagem” e “desordenado”, revelando tanto o descompasso com o horizonte da época quanto

a imposição de valores normativos eurocêntricos. Com o tempo, novos horizontes críticos permitiram sua canonização como clássico, valorizando sua complexidade estética (Zilberman, 2017). No entanto, esse processo reafirma a centralidade de um cânone europeu que se pretende universal, já que, como lembra Zilberman (2017, p. 12), “as categorias de leitura e julgamento literário não são neutras; elas refletem valores normativos que definem o que deve ser considerado literatura legítima e o que deve ser marginalizado.”

No espaço escolar, Rosenblatt (2004) destaca que cada estudante mobiliza seu próprio horizonte de expectativas ao se relacionar com o texto. Uma leitura decolonial amplia essa perspectiva ao valorizar saberes diversos e experiências situadas, deslocando a centralidade de um cânone eurocêntrico e permitindo que os alunos se reconheçam como sujeitos ativos na produção de sentido. Nascimento (2013, p. 87) reforça que “a multiplicidade de narradores em *Wuthering Heights* convoca o leitor a assumir uma postura crítica diante das contradições e silêncios que atravessam a narrativa.”

Dessa forma, a Estética da Recepção, articulada com perspectivas decoloniais, revela que os sentidos literários não emergem apenas da interação entre texto e leitor, mas também das condições materiais, políticas e epistemológicas que configuram quem lê, como lê e de onde lê. A análise de *Wuthering Heights* evidencia tanto sua força disruptiva quanto os mecanismos de poder que regulam sua legitimação como clássico. No âmbito pedagógico, essa abordagem possibilita uma leitura crítica e plural, capaz de questionar hierarquias culturais e ampliar o horizonte de expectativas dos estudantes, tornando a experiência de leitura mais participativa e transformadora.

CONTEXTO HISTÓRICO E LITERÁRIO

A compreensão da singularidade de *Wuthering Heights* exige situar a obra no horizonte histórico e literário da Inglaterra do século XIX. O romance vitoriano, predominante nesse período, estruturava-se em narrativas lineares e moralizantes, voltadas para a representação da sociedade em seus aspectos sociais e econômicos. Como observam Gilbert e Gubar (2000, p. 16), “essa configuração normativa estabelecia parâmetros de racionalidade e ordem que moldavam tanto a produção quanto a recepção literária.”

Autores como Charles Dickens (1812–1870) e William Makepeace Thackeray (1811–1863) exemplificam esse modelo ao tematizar ascensão social, desigualdades e virtudes que deveriam ser cultivadas em meio às transformações da Revolução Industrial. A literatura, nesse contexto, era concebida como instrumento pedagógico e edificante, destinada a reforçar valores de estabilidade e moralidade.

Emily Brontë, ao publicar *Wuthering Heights* em 1847, rompeu com essas convenções ao enfatizar atmosferas sombrias e personagens ambíguos que desafiam os padrões normativos da época. Logo no início da narrativa, Lockwood descreve:

"The aspect of the place could not be more desolate: a dark, isolated house, surrounded by bare, windy hills. Mr. Heathcliff, its proprietor, seemed a reserved man of rather unfriendly manners, very different from the respectability one would expect of a Victorian head of household." (Brontë, 1847, p. 15).

Essa escolha estética tensiona os parâmetros dominantes, propondo uma narrativa marcada pela desordem, violência e paixão. A ausência de uma mensagem conciliatória contribuiu para a recepção inicial negativa do romance. Sob uma ótica decolonial, como defendem Grosfoguel (2008), Walsh (2009) e Quijano (2000), esse gesto pode ser lido como fissura no projeto moderno/colonial, que buscava disciplinar a literatura como instrumento pedagógico e moralizante.

Ao mesmo tempo, Brontë dialoga com a tradição do gótico inglês, inaugurada por obras como *O Castelo de Otranto* de Horace Walpole (1717–1797). O gótico explorava ambientes sombrios, atmosferas de mistério e personagens atormentados, frequentemente associados ao sobrenatural. Em *Wuthering Heights*, esses elementos aparecem na paisagem agreste dos páramos, na presença espectral de Catherine e na construção de Heathcliff como figura excêntrica, oscilando entre humano e fantasmagórico. Uma leitura decolonial permite compreender que esse espaço narrativo não se limita à estética, mas articula crítica implícita às categorias de civilização e barbárie que sustentam o imaginário colonial.

Por outro lado, a obra também dialoga com o romantismo europeu, movimento que valorizava subjetividade, imaginação e intensidade das emoções. Essa influência manifesta-se na exaltação da natureza como espelho das paixões humanas, na representação do amor como força avassaladora e na recusa em submeter os personagens a padrões morais rígidos.

Contudo, é necessário reconhecer que essa valorização do indivíduo, embora tenha ampliado os limites da literatura europeia, inscreve-se em um projeto moderno/colonial que universaliza determinadas experiências e silencia outras. Assim, *Wuthering Heights* constrói-se na intersecção entre romance vitoriano, gótico e romantismo, ao mesmo tempo em que desafia e subverte cada uma dessas tradições.

À luz de Quijano (2000), essa combinação pode ser entendida como espaço de tensão que revela tanto a estranheza inicial de sua recepção quanto a riqueza de interpretações que a obra continua a suscitar. Mais do que um texto singular dentro da literatura inglesa, o romance expõe os limites de um cânone que se pretende universal, abrindo caminho para leituras plurais que questionam hierarquias culturais e epistemológicas.

ELEMENTOS GÓTICOS EM WUTHERING HEIGHTS

Em *Wuthering Heights*, os elementos góticos desempenham papel central na construção da atmosfera e na caracterização dos personagens, conferindo à obra uma tonalidade sombria e intensa que a distingue dentro da tradição literária inglesa. Logo no início, a descrição da propriedade já anuncia esse tom: *“Wuthering Heights is the name of Mr. Heathcliff’s dwelling. ‘Wuthering’ being a significant provincial adjective, descriptive of the atmospheric tumult to which its station is exposed in stormy weather.”* (Brontë, 1847, p. 2).

A paisagem dos páramos, marcada pelo isolamento e pela hostilidade do clima, funciona como cenário simbólico que reforça o sentimento de clausura e solidão. Esse ambiente agreste não apenas delimita o espaço físico da narrativa, mas também espelha o estado emocional dos personagens, intensificando a sensação de fatalismo e inquietação que permeia a obra.

Heathcliff, figura central, é construído como personagem liminar, situado entre o humano e o espectral. Sua presença enigmática, marcada pela obsessão e pela vingança, aproxima-o de arquétipos góticos e desafia os limites da moralidade. *“A sudden sense of relief flowed from my heart through every limb. I relinquished my labour of agony, and turned consoled at once: unspeakably consoled.”* (Brontë, 1847, p. 277).

Sob uma ótica decolonial, apoiada em Grosfoguel (2008), Walsh (2009) e Quijano (2000), essa ambiguidade pode ser interpretada como fissura nos discursos modernos/coloniais que buscavam disciplinar a literatura em torno de valores de ordem e racionalidade. A constante associação do personagem com imagens de sombra e sua relação com o sobrenatural evocam a ideia de que amor e dor podem ultrapassar fronteiras, inclusive as da vida, desestabilizando categorias rígidas de humano e não humano. Heathcliff encarna, assim, uma alteridade radical que tensiona os limites da tradição literária inglesa e revela a potência do gótico como resistência estética e cultural.

A morte e o sobrenatural, recorrentes ao longo da narrativa, reforçam esse caráter gótico. O espectro de Catherine, as alusões a presenças fantasmagóricas e a insistência na permanência dos mortos entre os vivos criam uma atmosfera em que o real e o imaginário se entrelaçam. Essa dimensão não se reduz ao horror, mas expressa a intensidade das paixões e a impossibilidade de ruptura definitiva entre os amantes, questionando a lógica moderna de separação entre razão e emoção.

Ao mesmo tempo, a obra dialoga com o romantismo europeu, movimento que valorizava subjetividade, imaginação e intensidade das emoções. O amor entre Heathcliff e Catherine é retratado como força transgressora e destrutiva, capaz de

desafiar convenções sociais e corroer os limites da racionalidade. A natureza, por sua vez, atua como espelho das emoções humanas: os páramos refletem a turbulência interior dos protagonistas, funcionando como extensão de seus sentimentos mais intensos. Numa leitura decolonial, essa fusão entre ambiente e emoção pode ser vista como resistência à domesticação da paisagem pela racionalidade moderna, reafirmando a potência de um espaço indomado que escapa às categorias de progresso e civilização.

Assim, *Wuthering Heights* articula múltiplos elementos góticos, paisagem sombria, isolamento, personagens liminares, presença da morte e do sobrenatural, exaltação da paixão e da subjetividade, para construir uma narrativa que desafia convenções e permanece como uma das mais complexas e inquietantes do século XIX. Ao unir gótico e romantismo, Emily Brontë não apenas explora os limites da experiência humana e da imaginação, mas também abre fissuras que permitem questionar os valores hegemônicos de sua época e repensar o lugar da obra dentro de um cânone que se pretende universal.

DIÁLOGO ENTRE O GÓTICO E O ROMÂNTICO

O diálogo entre o gótico e o romântico em *Wuthering Heights* constitui um dos aspectos mais instigantes da obra de Emily Brontë, pois revela tanto convergências quanto tensões entre esses estilos literários. De um lado, o romance incorpora elementos típicos do gótico, paisagem sombria, isolamento dos páramos, presença do sobrenatural e personagens atormentados que desafiam os limites da moralidade. De outro, evidencia traços do romantismo europeu, ao privilegiar subjetividade, intensidade das paixões e a natureza como espelho das emoções humanas.

Essa articulação não se reduz a uma sobreposição de estilos: constitui uma fusão estética que escapa às classificações rígidas, alimentando-se da ambiguidade resultante do encontro entre o gótico e o romântico. Como observa Eagleton, "*Wuthering Heights* é simultaneamente um romance gótico e uma obra romântica, pois combina a paisagem sombria e os personagens atormentados do gótico com a intensidade emocional e a subjetividade exaltada do romantismo" (Eagleton, 2005, p. 112).

Essa ambiguidade se manifesta na dificuldade de enquadrar a obra em categorias estanques: seria um romance de amor ou uma narrativa de horror? O vínculo entre Heathcliff e Catherine, marcado por obsessão e destruição, desafia a idealização romântica do amor e aproxima-se de uma dimensão trágica e perturbadora. Ao mesmo tempo, o ambiente espectral e a presença da morte evocam o gótico, não como recurso de terror convencional, mas como metáfora da impossibilidade de ruptura entre os amantes. Sob uma perspectiva decolonial, essa tensão estética

pode ser interpretada como resistência às categorias fixas que sustentam o projeto moderno/colonial, abrindo espaço para leituras que questionam hierarquias culturais e epistemológicas.

A recepção crítica da obra evidencia esse caráter ambíguo. No século XIX, a incompreensão inicial levou muitos críticos a rejeitarem o romance como “selvagem” e “desordenado”, em contraste com as convenções vitorianas (Bleich, 1975). Essa classificação revela como o cânone europeu operava a partir de valores normativos que buscavam disciplinar a literatura em torno da ordem e da racionalidade. No entanto, ao longo do século XX, a obra foi canonizada justamente por sua capacidade de romper fronteiras e desafiar categorias fixas. Leituras modernas e pós-modernas passaram a valorizar sua complexidade estética, explorando aspectos psicológicos, sociais e filosóficos, ainda dentro de um horizonte crítico predominantemente eurocêntrico.

Além disso, *Wuthering Heights* ganhou novas formas de recepção por meio de adaptações cinematográficas e culturais, que reinterpretaram a obra em diferentes contextos e linguagens. Cada adaptação, ao enfatizar ora o aspecto romântico, ora o gótico, ampliou o horizonte de expectativas em torno do romance, tornando-o acessível a públicos diversos e reforçando sua permanência no imaginário coletivo. Uma leitura decolonial, contudo, permite problematizar como essas adaptações também reproduzem ou tensionam valores hegemônicos, revelando a obra como espaço de disputa simbólica.

O impacto de Emily Brontë na crítica feminista e nos estudos de gênero também é significativo.

Holland (1975) observa que sua obra, ao apresentar personagens femininas complexas e ao problematizar relações de poder e desejo, tornou-se objeto de análises que destacam a subversão das normas patriarcais e a representação da mulher como sujeito ativo, ainda que marcado por contradições. Nesse sentido, *Wuthering Heights* não apenas dialoga com o gótico e o romântico, mas também com questões contemporâneas, reafirmando sua relevância como texto que transcende épocas e estilos, ao mesmo tempo em que permite questionar os limites de um cânone que se pretende universal.

CONCLUSÃO

Sob uma perspectiva decolonial, Mignolo (2003) destaca que a recepção estética de *Wuthering Heights* evidencia a força singular de um romance que desafia categorias fixas e escapa a classificações rígidas. Ao mesmo tempo em que dialoga com o gótico e o romântico, a obra subverte as convenções do romance vitoriano, apresentando personagens ambíguos, narrativas fragmentadas e uma

atmosfera marcada pela intensidade das paixões e pela presença do sobrenatural. Essa ambiguidade estética, inicialmente responsável pela incompreensão crítica no século XIX, tornou-se justamente o elemento que garantiu sua permanência e consagração no cânone literário.

Contudo, é preciso reconhecer que esse processo de canonização reflete dinâmicas de poder que privilegiam determinadas tradições e invisibilizam outras vozes e epistemologias. A relevância atual de *Wuthering Heights* reside em sua capacidade de provocar leituras diversas e de se manter vivo em diferentes contextos culturais. Seja no ambiente escolar, em adaptações cinematográficas ou em análises acadêmicas contemporâneas, o romance continua a instigar reflexões sobre amor, obsessão, vingança e liberdade, temas que, embora frequentemente tratados como universais, devem ser lidos criticamente à luz das condições históricas e culturais que moldam sua recepção.

Emily Brontë, ao escrever seu único romance, consolidou-se como autora que tensiona fronteiras literárias. Sua narrativa não se limita a reproduzir modelos estabelecidos, mas os desafia, criando uma obra ao mesmo tempo gótica e romântica, trágica e poética, perturbadora e fascinante. Essa capacidade de transgressão reafirma Brontë como voz singular na literatura inglesa, cuja contribuição ultrapassa o século XIX e continua a inspirar debates críticos e interpretações inovadoras. *Wuthering Heights*, assim, permanece como texto que não apenas resiste ao tempo, mas se reinventa continuamente, abrindo fissuras no cânone ocidental e reafirmando sua posição como uma das obras mais complexas e inesgotáveis da tradição literária, uma tradição que, sob lentes decoloniais, pode e deve ser questionada.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Evandro Rosa de. A RECEPÇÃO DO POEMA TO HELEN, DE EDGAR ALLAN POE: Desafios e Perspectivas para o Ensino de Literaturas de Língua Inglesa. *SAPIENS - Revista de Divulgação Científica*, [S. l.], v. 5, n. 2, p. 7–31, 2024. Disponível em: <https://revista.uemg.br/sps/article/view/8020>. Acesso em: 20 jan. 2026.

ARAÚJO, Evandro Rosa de. The picture of Dorian Gray e sua Receptividade em aulas de Literaturas de Língua Inglesa. *Revista de Estudos Interdisciplinares do Vale do Araguaia - REIVA*, [S. l.], v. 8, n. 03, 2025. Disponível em: <https://reiva.unifaj.edu.br/reiva/article/view/560>. Acesso em: 20 jan. 2026.

ARAÚJO, Evandro Rosa de; FIGUEIREDO, Francisco José Quaresma de; LAGO, Neuda Alves do. Literatura e colaboração na sala de aula de língua inglesa em tempos de pandemia. *Signótica*, Goiânia, v. 35, p. e74776, 2023. DOI: 10.5216/sig.v35.74776. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/sig/article/view/74776>. Acesso em: 20 jan. 2026.

ARAÚJO, Evandro Rosa de; TIRABOSCHI, Fernanda Franco; JOSÉ QUARESMA DE FIGUEIREDO, Francisco. Praxiologias nas Aulas de Literaturas de Língua Inglesa: Um Olhar sobre A Tempestade, de Shakespeare, na Perspectiva Decolonial. *Porto das Letras*, [S. l.], v. 8, n. 3, p. 34–53, 2022. Disponível em: <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/portodasletras/article/view/sistemas.uft.edu.br.periodicos.index.php.portodasletras.issue.vi>. Acesso em: 20 jan. 2026.

BLEICH, David. *Readings and Feelings: An Introduction to Subjective Criticism*. Urbana: National Council of Teachers of English, 1975.

BRONTË, Charlotte. *Jane Eyre*. London: Smith, Elder & Co., 1847.

BRONTË, Charlotte. *Jane Eyre*. Tradução de Bárbara Heliodora. São Paulo: Martin Claret, 2009.

BRONTË, Emily. *Wuthering Heights*. Tradução de Rachel de Queiroz. 2. ed. São Paulo: Editora José Olympio, 2003.

BRONTË, Emily. *O morro dos ventos uivantes*. Tradução de David Jardim Júnior. São Paulo: Saraiva, 1944.

BRONTË, Emily. *O morro dos ventos uivantes*. Tradução de Oscar Mendes e Rachel de Queiroz. Rio de Janeiro: José Olympio, 1938.

CALVINO, Italo. *Por que ler os clássicos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

EAGLETON, Terry. *The English Novel: An Introduction*. Malden: Blackwell Publishing, 2005.

ENOTES. *Wuthering Heights Study Guide*. 2025. Disponível em: <https://www.enotes.com/topics/wuthering-heights>. Acesso em: 10 fev. 2026.

FAY, Claudia. Jane Eyre e a construção de uma voz de rebeldia. *Cadernos Seminal Digital*, Rio de Janeiro, v. 27, n. 27, p. 1-15, 2022. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/cadernosseminal/article/view/66477>. Acesso em: 17 jan. 2026.

FISH, Stanley. *Is There a Text in This Class? The Authority of Interpretive Communities*. Cambridge: Harvard University Press, 1980.

GILBERT, Sandra M.; GUBAR, Susan. *The Madwoman in the Attic: The Woman Writer and the Nineteenth-Century Literary Imagination*. 2. ed. New Haven: Yale University Press, 2000.

GROSGOUEL, Ramón. Transmodernity, border thinking, and global coloniality. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, n. 80, p. 115-147, 2008.

HEILBRUN, Carolyn G. Jane Eyre: The Temptations of a Motherless Woman. *Novel: A Forum on Fiction*, v. 12, n. 2, p. 136-151, 1979.

HOLLAND, Norman N. *The Dynamics of Literary Response*. New York: Oxford University Press, 1975.

ISER, Wolfgang. *O ato da leitura: uma teoria do efeito estético*. Tradução de Johannes Kretschmer. São Paulo: Editora 34, 2000.

ISER, Wolfgang. *O ato da leitura: uma teoria do efeito estético*. Tradução de Johannes Kretschmer. São Paulo: Editora 34, 1996.

JAUSS, Hans Robert. *A estética da recepção: ensaios*. Tradução de Sérgio Tellaroli. São Paulo: Ática, 1994.

JAUSS, Hans Robert. *A estética da recepção: ensaios*. Tradução de Sérgio Tellaroli. São Paulo: Ática, 1994.

KHASKI GRAGLIA, Cam. Toward an Aesthetic of Reception. *Academia.edu*, 2018. Disponível em: <https://www.academia.edu/35980742/Toward_an_Aesthetic_of_Reception>. Acesso em: 17 jan. 2026.

LITCHARTS. *Wuthering Heights Study Guide*. 2024. Disponível em: <<https://www.litcharts.com/lit/wuthering-heights>>. Acesso em: 10 fev. 2026.

LUGONES, María. Colonialidad y género. *Tabula Rasa*, Bogotá, n. 9, p. 73-102, jul./dez. 2008.

MENDES, Oscar. *Estética literária inglesa*. Belo Horizonte: Editora Itatiaia; Brasília: Instituto Nacional do Livro; Fundação Nacional Pró-Memória, 1983.

MEYER, Susan. Colonialism and the Figurative Strategy of Jane Eyre. *Victorian Studies*, v. 33, n. 2, p. 133-154, 1990.

MIGNOLO, Walter. La colonialidad a lo largo y a lo ancho: el hemisferio occidental en el horizonte de la modernidad. *Revista de Ciencias Sociales*, v. 12, n. 2, p. 25-46, 2003.

MOISÉS, Massaud. *A literatura portuguesa*. São Paulo: Cultrix, 2000.

NASCIMENTO, Sandra Mônica do. A Estética da Recepção na adaptação cinematográfica *Jane Eyre* (2011). *Anais do SILEL*, Uberlândia, v. 3, n. 1, 2013.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. *Revista Internacional de Ciências Sociais*, v. 50, n. 168, p. 215-245, 2000.

ROSENBLATT, Louise. *A literatura como exploração*. Tradução de Maria da Glória Bordini. Porto Alegre: Mercado Aberto, 2004.

WALSH, Catherine. *Interculturalidad, Estado, Sociedad. Luchas (de)coloniales de nuestra época*. Quito: Abya-Yala, 2009.

ZILBERMAN, Regina. Leitura na escola – entre a democratização e o cânone. *Revista Literatura em Debate*, Frederico Westphalen, v. 11, n. 21, p. 11-24, jan./jun. 2017. Disponível em: <<https://revistas.fw.uri.br/index.php/literaturaemdebate/article/view>>. Acesso em: 18 jan. 2026.